

A música como trabalho no Brasil pré-pandemia: composição do mercado por tipo de vínculo, gênero, raça e escolaridade

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA ou SIMPÓSIO: Música Popular e Interdisciplinaridade

Rodrigo Heringer Costa
UFRB – rhcosta@ufrb.edu.br

Resumo. A inserção de agentes no mercado de trabalho em música no Brasil é influenciada por fatores sociais e econômicos diversos. Analisando-se do banco de dados da PNAD é possível perceber importantes elementos acerca da referida inserção e o papel do tipo de vínculo, gênero, raça e escolaridade sobre sua configuração. Conclui-se que o trabalho de musicistas caracteriza-se por uma taxa de informalidade global significativamente mais elevada que a média do mercado de trabalho, por tímida participação feminina, por baixo impacto do diploma de ensino superior para a formalização dos vínculos de trabalho na área, e por maior representação de pretos, pardos e indígenas que brancos e amarelos entre os trabalhadores informais do setor.

Palavras-chave. Trabalho. Música. Informalidade. Raça. Gênero.

Music as Work in Pre-Pandemic Brazil: Market Composition by Kind of Labor Relationship, Gender, Race and Education

Abstract. Agents insertion in the music labor market in Brazil is influenced by different social and economic factors. Analysing the PNAD database it is possible to understand important elements about this insertion and the role of the kind of labor relationship, gender, race and education on its configuration. Conclusions are that the work of musicians is characterized by a significantly higher overall informality rate once compared to the labor market average, by timid female participation, by low impact of higher education studies on the formalization of employment relationships in the area, and by greater representations of blacks, browns and indigenous people among informal workers in the sector.

Keywords. Work. Music. Informality. Race. Genre.

1. Introdução

O trabalho – em sua ampla compreensão¹ – é um dos mais relevantes pilares a sustentar a organização de sociedades modernas (ANTUNES, 2006; CARDOSO, 2010; DUBAR, 1991). Não à toa, o futuro das atividades laborais e o impacto de suas metamorfoses sobre a qualidade de vida dos seres humanos – principalmente aqueles vinculados a grupos ou sociedades historicamente subalternizadas – é tema de debate entre autores de diversas áreas do conhecimento, bem como entre especialistas vinculados a órgãos multilaterais contemporâneos (v. p. ex., BANCO MUNDIAL, 2019; BOISE, 2008; CAMPANTE, CRESPO e LEITE, 2004; NEVES e PEDROSA, 2007; OIT, 2016; 2018; SEGNINI, 2014).

Em documento publicado recentemente pelo Banco Mundial (2019), o órgão conjectura um perfil de trabalhador para tempos vindouros, a compartilhar, ironicamente, diversos traços com o *habitus* ocupacional há muito incorporado por musicistas.² O

profissional inovador (criativo), empreendedor, intrinsecamente motivado, competitivo, móvel, em constante formação, inserido em uma economia de incertezas e, conseqüentemente, de inseguranças, é um modelo que inspira, no presente, o músico enquanto trabalhador – forjado, por sua vez, no passado do Romantismo – e também o simulacro do “profissional do futuro”, tipificado pelo Banco Mundial (v., p. ex., COSTA, 2020; ELIAS, 1995 e MENGER, 2005).

A ocupação dos musicistas torna-se, portanto, um alvo privilegiado para a observação de recentes metamorfoses percebidas no mundo do trabalho, podendo as alegrias e angústias que lhes são particulares inspirar debates acerca de tópicos de extrema relevância para o Brasil contemporâneo, a exemplo da Reforma Trabalhista, do Estado de Bem-Estar Social, da Reforma da Previdência, entre muitos outros.

No presente documento, analiso a inserção de musicistas no mercado de trabalho no Brasil a partir dos dados da PNAD de 2019. A opção pelo uso dos dados da PNAD justifica-se por alguns fatores. A pesquisa é realizada ao longo de todo o ano, mostrando-se, assim, precisa em captar transformações pontuais e estruturais relacionadas às atividades profissionais³. Além disso, no questionário da PNAD constam questionamentos acerca da segunda ocupação de seus respondentes, de enorme importância para a compreensão de algumas nuances relacionadas ao trabalho musical (v., p.ex., COSTA, 2020, p.207-212).

Redesenhando-se o plano de amostragem complexa da PNAD, com correção por pós-estratificação, foi possível perceber importantes elementos acerca da inserção laboral de musicistas no mercado e o papel do tipo de vínculo, gênero, raça e escolaridade sobre sua configuração. Algumas entre tais percepções são aqui partilhadas e discutidas no intuito de jogar luz sobre alguns aspectos do trabalho de musicistas no país e as desigualdades que lhes são características.

2. Informalidade

Para produzir análises que permitam a testagem das proporções e outras modelagens estatísticas é necessária a reprodução dos estágios do plano amostral da PNAD e sua posterior pesagem por meio da pós-estratificação. Esta é uma técnica do IBGE utilizada no intuito de aplicar um fator de peso à amostra, de modo a permitir um espelho fiel à projetada pelo instituto para *julho de 2019*, considerado, assim, como o período de realização da pesquisa. Os estratos e as Unidades Primárias de Amostragem (UPAs) foram consideradas as variáveis de desenho. Assumiu-se, como técnica estimadora, a *amostragem aleatória*

simples e, como tamanho da população, os *domínios geográficos de projeção*. A comprovação do sucesso do redesenho do plano de amostragem complexa da PNAD, com correção por pós-estratificação, pode ser verificada tabela abaixo, a partir da qual é possível inferir algumas informações relevantes a respeito da inserção dos músicos no mercado de trabalho.

Estima-se, com 95% de confiança, que existiam *entre 125 e 185 mil músicos no Brasil em julho de 2019*. O mercado dos músicos profissionais brasileiros é caracterizado por uma *alta taxa de informalidade (entre 71,6% e 84,5%)*. Esta corresponde à proporção de todos os trabalhadores que não são amparados, de alguma forma, pelo sistema de proteção social estabelecido pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). A taxa de informalidade é chave para a compreensão da fraqueza dos vínculos institucionais e da maior vulnerabilidade profissional perante as oscilações do mercado de trabalho. Trabalhadores informais têm maiores chances de perder seus postos de trabalho em contextos de contração das taxas de ocupação no Brasil, complicador a agravar uma já problemática situação de ausência de direitos trabalhistas.

Para classificar os músicos em exercício formal da profissão, *independente da sua inserção em outros mercados ou funções*, foram selecionados os empregados com carteira assinada, os servidores públicos estatutários e os contribuintes da previdência social sem vínculo empregatício (conta própria e empregadores) (MINISTÉRIO DO TRABALHO E DO EMPREGO, 2019). Considerou-se a taxa de informalidade dentro da própria ocupação, independentemente da existência de outras profissões as quais os músicos possam estar, concomitantemente, exercendo. É possível que um músico exerça sua profissão de maneira informal, mas possua outro trabalho, primário ou secundário, cujo vínculo estabelecido seja de celetista. Como, neste caso, o foco da análise é a variável *inserção no mercado da música*, estas nuances serão desconsideradas para evitar maiores quebras na amostra e possíveis aumentos no erro das estimativas.

Contagem	Estimativa (μ)	Erro padrão (σ)	NCI (95%)*	NCS (95%)**	CV***
Formal (trabalho principal)	30.948	5.363	20.435	41.461	17,3%
Informal (trabalho principal)	97.618	12.956	72.222	123.014	13,3%
Formal (trabalho secundário)	2.064	924	254	3.875	44,7%
Informal (trabalho secundário)	24.738	4.813	15.303	34.173	19,5%
Total	155.368	15.150	125.671	185.065	9,8%
Proporção					
Formal (trabalho principal)	19,9%	3,2%	14,3%	27,0%	16,2%
Informal (trabalho principal)	62,8%	4,2%	54,4%	70,6%	6,6%
Formal (trabalho secundário)	1,3%	0,6%	0,5%	3,2%	45,2%
Informal (trabalho secundário)	15,9%	3,0%	10,9%	22,6%	18,7%
Total	100%	0%	100%	100%	0%

*Nível de confiança inferior (95%)

**Nível de confiança superior (95%)

***Coeficiente de variação (μ/σ)

Tabela 1: Música, vínculo e posição do trabalho. Fonte: PNAD (2019). Elaboração própria

Ao considerar a possibilidade de inserção dos músicos em alguma outra ocupação, a taxa de informalidade global apresentada – referente ao trabalho principal e ao secundário – cai para 67,8% (59,6%-75,1%). Entretanto, a sobreposição entre o intervalo de confiança desta taxa e o referente àquela que considera apenas a inserção no mercado da música me impede de afirmar que a inserção em outros mercados reduz o risco de informalização dos músicos, embora haja indícios nessa direção.

Em comparação ao *restante do mercado de trabalho*, as pessoas que trabalham com música no trabalho principal ou secundário têm uma taxa de informalidade global significativamente mais elevada. A maior vulnerabilidade desta categoria é atestada ao realizarmos um teste de independência considerando os ajustes da correção de Rao-Scott (RAO e SCOTT, 1981, 1984), que comprova a significância estatística desta diferença.⁴

	Informalidade	NCI (95%)	NCS (95%)
Músicos, cantores e compositores	67,8%	59,6%	75,1%
Outras ocupações	37,9%	37,5%	38,3%
Todos os trabalhadores	38,0%	37,6%	38,3%
Resultados do teste de independência			
	Chi-Square	F Ajustado	p-valor
Pearson	118,4	52,0	<0,001
Razão de verossimilhança	114,1	50,1	<0,001

Tabela 2: Taxa de informalidade na população ocupada (trabs. princ. e sec.). Fonte: PNAD (2019). Elaboração própria.

3. Composição do mercado: gênero, raça e escolaridade

Neste ponto, discutirei algumas características sociodemográficas da força de trabalho à qual me reporto. Centro a análise em determinantes como raça, gênero e educação, comparando ainda os referidos grupos, entre si, no que se refere a certos indicadores a respeito do trabalho (informalização, expediente, remuneração etc.). Isto não é mais do que a projeção inicial de uma das maneiras de observar o *estado da força de trabalho musical em 2019 no Brasil*.

Um dos traços que mais se destacam ao analisar-se a mão-de-obra de músicos, cantores e compositores⁵ é a acanhada participação de mulheres no setor. Uma a cada cinco agentes em atuação no setor em 2019 era mulher, o que corresponde a menos da metade da proporção encontrada entre a força de trabalho no Brasil, de um modo geral. A verificada sub-representação feminina também parece representar uma característica específica das profissões artísticas, uma vez que ocupações similares revelam o mesmo padrão de distribuição, quando agrupadas.

Ocupação	Estimada	NCI (95%)	NCS (95%)
Músicos, cantores e compositores	18,8%	12,5%	27,1%
Outras ocupações	43,7%	43,5%	43,9%
Todas as profissões artísticas	25,2%	20,6%	30,5%
Resultados do teste de independência	Chi-Square	F Ajustado	p-valor
Pearson	78,8	27,9	<0,001
Razão de verossimilhança	86,8	30,7	<0,001

Tabela 3: Participação das mulheres no mercado de trabalho. Fonte: PNAD (2019). Elaboração própria

É possível mensurar o grau de inclusão e a capacidade de inserção de grupos específicos no setor por meio de comparações com o mercado de trabalho brasileiro em sua amplitude. Tópicos relativos à baixa qualificação ou à falta de atratividade deste setor para grupos marginalizados do mercado de trabalho, serão discutidos e analisados a partir dos dados sobre raça. Para fins de comparabilidade, foram traçados dois grandes grupos étnico-raciais. O primeiro, representado pelas três raças/cores com o menor *status* social e maiores níveis de exclusão (pretos, pardos e indígenas), serão sempre comparados ao aglomerado composto por brancos e amarelos, uma vez que ambos gozam de níveis semelhantes de

privilégio no mercado de trabalho e possuem trajetórias de qualificação e inserção profissional muito próximas.⁶

Estima-se que existam 81.125 musicistas pretos, pardos e indígenas no Brasil. Em termos de inserção, os PPIs (44,6%-59,8%) têm participação no mercado da música bastante similar ao do mercado de trabalho brasileiro em geral (54,0%-55,1%). Por outro lado, as diferenças raciais se acentuam quando o mercado é separado entre aqueles a trabalharem sob vínculos formais e informais. Os PPIs correspondem a um terço dos músicos que possuem vínculos formais (34,0%), mas representam pouco mais da metade dos informais (57,1%), grupo mais expressivo. Apesar dos largos intervalos de confiança, os diferenciais verificados são estatisticamente significantes.

	Taxa de participação	NCI (95%)	NCS (95%)
Músicos informais	57,1%	48,4%	65,4%
Músicos formais	34,0%	20,9%	50,1%
Todos os trabalhadores	52,2%	44,6%	59,8%
Resultados do teste de independência			
	Chi-Square	F Ajustado	p-valor
Pearson	9,851	6,518	0,011
Razão de verossimilhança	9,953	6,586	0,010

Tabela 4: Taxa de participação de pretos, pardos e indígenas no mercado da música por tipo de vínculo. Fonte: PNAD (2019). Elaboração própria

O nível de escolarização dos músicos inseridos no mercado de trabalho é bem similar àqueles dos trabalhadores brasileiros. 20,4% (19,9%-21,0%) entre todos os profissionais e 22,6% (15,8%-21,3%) dos musicistas atuando em 2019 concluíram o Ensino Superior. Tampouco foram encontradas diferenças de escolarização entre formalizados e informais na categoria. Os testes de independência estatística rejeitam a hipótese de diferença educacional entre os tipos de vínculos. Entre brancos/amarelos e PPIs, houve uma diferença marginalmente significativa, observada a grandeza do p-valor. Isto pode acontecer porque há a possibilidade de que músicos informais com ensino superior estejam inseridos em outras carreiras nas quais possuem carteira assinada, já que aqui estamos discutindo apenas o mercado da música.

Nível escolar mais alto = superior	Proporção	NCI (95%)	NCS (95%)	Contagem	NCI (95%)	NCS (95%)
Branco/Amarelo	28,8%	18,3%	42,2%	21.362	9.855	32.868
PPIs	17,0%	9,9%	27,7%	13.820	5.949	21.692
Formais	32,1%	19,3%	48,4%	10.611	4.770	16.452
Informais	20,1%	12,4%	30,8%	24.571	11.905	37.238
Todos os músicos	22,6%	15,8%	31,3%	155.368	125.671	185.065
Outras profissões	20,4%	19,9%	21,0%	19.316.414	18.762.321	19.870.507
Trabalhadores brasileiros	20,4%	19,9%	21,0%	19.351.596	18.796.493	19.906.699
Resultados do teste de independência						
Raça		Chi-Square		F Ajustado		p-valor
Pearson		5,396		3,085		0,083
Razão de verossimilhança		5,415		3,096		0,082
Vínculo						
Pearson		3,821		1,913		0,167
Razão de verossimilhança		3,603		1,804		0,179
Músico ou não						
Pearson		0,927		0,331		0,565
Razão de verossimilhança		0,903		0,323		0,570

Tabela 5: Músicos que concluíram o ensino superior em diversos cortes Fonte: PNAD 2019. Elaboração própria

Apesar de a conclusão do nível superior ser marginalmente semelhante entre formais e informais, ao inverter a relação das tabulações, considerando o tipo de vínculo e a inserção do profissional em qualquer atividade, evidenciam-se as discrepâncias neste processo. A taxa de formalização global dos profissionais que concluíram o ensino superior é muito superior àquela referente aos que não alcançaram este nível escolar. As chances de um músico sem graduação universitária se inserir em algum tipo de formalização no mercado de trabalho é somente 38% da de um músico com ensino superior. Isso pode ocorrer, como foi visto anteriormente, devido à tendência a engajamento de músicos com ensino superior em outras carreiras, com *status* de ocupação principal, correspondendo a música à sua fonte de renda complementar. As tabelas apresentadas abaixo abarcam tais discrepâncias. Faz-se importante atentar para o fato de que a inserção de músicos no mercado formal é menor quando comparada, tanto com aquela verificada entre outros trabalhadores graduados, quanto com a de outros, que estudaram até o Ensino Médio.

	Valor	NCI (95%)	NCI (95%)	Contagem
Outros com ensino superior	14,8%	14,2%	15,4%	19.316.414
Outros sem ensino superior	42,8%	42,3%	43,2%	75.170.545
Músicos com ensino superior	50,7%	31,7%	69,4%	35.182
Músicos sem ensino superior	72,9%	63,9%	80,3%	120.186
Total	37,1%	36,7%	37,5%	94.642.327
Teste de independência		Chi-Square	F Ajustado	Sig.
Pearson		10.474,81	1.387,95	< 0,001
Razão de verossimilhança		11.673,02	1.546,72	< 0,001
Hierarquia da função	Valor	NCI (95%)	NCI (95%)	Contagem
Músicos sem ensino superior	72,9%	63,9%	80,3%	120.186
Músicos com ensino superior	50,7%	31,7%	69,4%	35.182
Total	67,8%	59,6%	75,1%	
Teste de independência		Chi-Square	F ajustado	Sig.
Pearson		10,904	4,493	0,034
Razão de verossimilhança		10,432	4,298	0,038
Razão de chances		0,382 (0,154-0,945)		

Tabela 6: Taxa de informalização, comparação entre músicos e outros profissionais. Fonte: PNAD 2019.

Elaboração própria

4. Considerações

Após uma breve investigação exploratória do mercado de trabalho musical de 2019 com informações fornecidas pela PNADCA do mesmo ano, pudemos compreender e descrever algumas das ordenações e clivagens que são específicas da mão-de-obra a constituirlo. Usando testes de significância estatística para médias identificamos uma alta informalidade do trabalho na categoria, comparativamente aos demais trabalhadores, mesmo ao se considerar os diversos cortes sociodemográficos que poderiam ter um efeito no seu cômputo (raça, gênero, educação).

Este mercado também é caracterizado por sua excessiva masculinização, dado que a participação feminina é extremamente baixa, a despeito do que se verifica nas ocupações de um modo geral no Brasil. Recomenda-se que posteriores investigações sejam feitas para comprovar se há alguma relação com a proporção de mulheres que se formam na área e este fenômeno, ou se o problema é no contexto da inserção, dada a possibilidade de músicos graduados trabalharem em outras funções análogas.

A composição racial deste mercado é semelhante à da população brasileira, mas a qualidade deste vínculo é significativamente diferenciada. A forma com a qual os pretos,

pardos e indígenas acessam o mercado da música é condicionada por sua alta informalidade e baixa qualificação específica. Os músicos pretos, pardos e indígenas sofrem de uma dupla desigualdade racial: a primeira, de representação, faz com que este grupo participe 1,7 vezes menos no mercado de trabalho formal, comparado ao informal. A segunda, educacional, se reflete na presença 0,5 vezes maior de diploma de nível superior entre os músicos trabalhadores em 2019.

O ensino superior se sobressai como circunstância de maior “proteção” da fragilidade dos trabalhadores deste setor. Ele pode garantir-lhes tanto uma menor chance de informalidade independente da função quanto uma possibilidade de mais horas semanais de serviço, bem como uma carreira principal mais estável que posiciona a música no status de trabalho secundário, uma renda extra ou “bico”. Não foram encontradas diferenças significativas de escolaridade entre músicos formais e informais, o que reforça a tese de uma baixa relevância do diploma para a formalização das atividades exercidas na área de música.

Referências

- ANTUNES, Ricardo (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- BANCO MUNDIAL. **The changing nature of work**. Washington, 2019.
- BAVA JÚNIOR, Augusto Caccia. **Introdução à sociologia do trabalho**. São Paulo: Ática, 2000.
- BELTRÃO, Kaizô Iwakami & TEIXEIRA, Moema De Poli. Cor e gênero na seletividade das carreiras universitárias. Comentário de Simon Schwartzman. In: SOARES, Sergei et al. (Org.). **Os mecanismos de discriminação racial nas escolas brasileiras**. Rio de Janeiro, IPEA, 2005, p. 143-193.
- BOISE, Sam de. Gender Inequalities and Higher Music Education: Comparing the UK and Sweden. **British Journal of Music Education**, v. 35, n. 1, p. 23–41, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- CAMPANTE, Filipe R., CRESPO, Anna R. V. & LEITE, Phillippe G. P. G. Desigualdade salarial entre raças no mercado de trabalho urbano brasileiro: aspectos regionais. **Rev. Bras. Econ.**, Rio de Janeiro, v. 58, n. 2, p.185-210, jun 2004.
- CARDOSO, Adalberto Moreira. **A construção da sociedade do trabalho no Brasil: uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2010.
- COSTA, Rodrigo Heringer. **A música como arte de viver em Salvador**. Tese (Doutorado em Música), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.



- DUBAR, Claude. **La socialisation: construction des identites sociale et professionnelles**. Paris: A. Colin, 1991.
- ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- MARX, Karl. **O capital**. v. 1 tomo 1. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- MENGER, Pierre-Michel. **Retrato do Artista enquanto trabalhador**. Lisboa: Roma Editora, 2005.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO E DO EMPREGO (Brasil). Observatório Nacional do Mercado de Trabalho. **Boletim de Políticas Públicas de Emprego, Trabalho e Renda**. Brasília, DF, 2º trimestre 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3eHMUM3>. Acesso em: 25 jun. 2020.
- NEVES, Magda de Almeida; PEDROSA, Célia Maria. Gênero, flexibilidade e precarização: o trabalho a domicílio na indústria de confecções. **Sociedade e Estado**, v. 22, n. 1, p. 11–34, 2007.
- OIT. **Back to the Future: Challenges and opportunities for the future of work adressed in ILO sectoral meetings since 2010**. Departamento de Políticas Setoriais. Genebra: OIT, 2018. 33 p.
- OIT. **Non-standard employment around the world: undestanding challenges, shaping prospects**. Genebra: OIT, 2016.
- RAO, Jon; SCOTT, Alastair. The analysis of categorical data from complex sample surveys: chi-squared tests for goodness of fit and independence in two-way tables. **Journal of the American statistical association**, v. 76, n. 374, p. 221-230, 1981.
- RAO, Jon.; SCOTT, Alistair. On chi-squared tests for multiway contingency tables with cell proportions estimated from survey data. **The Annals of statistics**, p. 46-60, 1984.
- SANTOS, Helio. Discriminação racial no Brasil. In: **Anais de seminários regionais preparatórios para a conferência mundial contra o racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata**. Brasília: Ministério da Justiça, 2001.
- SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. Os músicos e seu trabalho: diferenças de gênero e raça. **Tempo Social**, v. 26, n. 1, p. 75–86, 2014.
- SCHWARTZMAN, Simon. Fora de foco: diversidade e identidades étnicas no Brasil. **Novos Estudos CEBRAP**, 1999, vol. 55, p. 83-96.
- VARGAS, Francisco Beckenkamp. TRABALHO, EMPREGO, PRECARIIDADE: dimensões conceituais em debate. **Caderno CRH**, v. 29, n. 77, p. 313–331, 2016.

¹ Para discussões conceituais sobre o trabalho, ver, entre outros, Bava Júnior (2000); Giddens (2008); Marx (1996) e Vargas (2016).

² Ao serem socializados em contato com ambientes sociais objetivados, os indivíduos incorporam disposições que virão a guiar as tomadas de posição no campo. Tais disposições, inculcadas nos indivíduos nos referidos processos de socialização, tornam-se parte importante e duradoura de suas individualidades. Podem ser encaradas, portanto, como objetividades subjetivadas. Por outro lado, uma vez que a estrutura é incorporada pelos sujeitos de ação, estes podem mobilizá-la no intuito de atuarem sobre o mundo, fazendo das disposições adquiridas subjetividades estruturadas. Os *habitus* seriam justamente esses “sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes” (BOURDIEU, 1983. p.60-61) e seu duplo caráter – gerado e transformador – permite aos indivíduos deixarem a sua marca no mundo social, sem que da influência deste, porém, possam se abster.

³ A PNAD é realizada de maneira contínua, trimestralmente, desde 2014. A compilação total dos dados, no entanto, é concretizada anualmente.

^{4 4} O teste qui-quadrado de Rao-Scott é uma versão do teste qui-quadrado de Pearson ajustada para desenhos amostrais complexos, que envolve diferenças entre as frequências observadas e esperadas. Elas são usadas em tabelas de contingência e recomendadas quando as proporções celulares estimadas são derivadas de dados amostrais. Os demais testes amostrais realizados nesta pesquisa utilizarão estas correções e outras adequadas para a amostra da PNAD.

⁵ Não foram utilizados nos testes de significância estatística. Esta categoria inclui artistas plásticos, músicos, cantores, compositores, bailarinos, coreógrafos, diretores, atores, locutores e outros profissionais das artes.

⁶ Para mais comentários sobre a aplicação técnica da oposição entre pretos, pardos e indígenas (PPIs ou não-brancos) e brancos/amarelos no mercado de trabalho e educacional brasileiros, consultar Schwartzman (1999), Santos (2001), Campante, Crespo e Leite (2004) e Beltrão e Teixeira (2005).